



(RE)EDUCAR EM TEMPOS DE PANDEMIA:

Estratégias desenvolvidas no Complexo da Maré

Aline Ádria Candido Ribeiro Borges ¹
Camila Cristine Viana Mendes ²

RESUMO

A educação é o processo primordial para a formação do indivíduo. Entretanto, ao mesmo tempo em que se apresenta tão necessária, o acesso a este direito é afetado por uma série de questões políticas, sociais e econômicas, tornando-se ineficaz, sobretudo na vida daqueles em situação de vulnerabilidade. Este artigo propõe analisar pontos estratégicos do projeto Preparatório para o Ensino Médio, realizado no Complexo da Maré, zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, para a continuidade e eficácia das atividades virtuais oferecidas no atual período de distanciamento social. Para isso, será considerado, ainda, o contexto social dos estudantes e seus familiares, relacionando com conceitos importantes do campo da educação. A partir de reflexões acerca da educação, das estratégias utilizadas e da resposta dos estudantes a tais ações, conclui-se que, a partir da criação de vínculos com os jovens, em unidade com um olhar pedagógico inclusivo e participativo, novos mecanismos positivos podem surgir.

Palavras-chave: Educação, Desigualdade, Vínculo, Pandemia, Atividades virtuais

INTRODUÇÃO

Em um momento de mudanças globais, como o atual contexto da pandemia do novo Coronavírus (COVID-19), todas as esferas da vida humana têm sofrido impactos, seja quanto às formas de sociabilidade, seja no acesso a direitos básicos. Torna-se necessário que práticas sejam revisitadas e que rotinas e hábitos sofram reformulações.

O presente artigo é um relato de experiência baseado no trabalho realizado no curso Preparatório para o Ensino Médio, da Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, localizada na comunidade do Complexo da Maré, no Rio de Janeiro. Parte-se do trabalho realizado pela equipe do projeto, que teve sua rotina, estratégias de ação e metodologias de ensino modificadas pelas novas dinâmicas estabelecidas pela pandemia, marcada, no âmbito da educação, pela suspensão das aulas nas escolas, pela insegurança

¹ Especialista em Políticas de Gênero e Direitos Humanos, e graduada pelo Curso de Serviço Social, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, alineadria@redesdamare.org.br;

² Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - RJ, camila.vianamendes@gmail.com.



acerca da validade do ano letivo, pelas alterações sofridas nos calendários e editais dos processos seletivos para o ensino médio.

O Preparatório para o Ensino Médio se constitui enquanto projeto social, sem fins lucrativos, cujo objetivo é o acesso dos jovens de classes populares à educação, tanto no nível formal, quanto em sua formação crítica e cultural, na construção e reconhecimento de sua identidade individual e coletiva, partindo da lógica do atendimento integral dos nossos jovens e suas famílias. Uma das principais ferramentas na qual o projeto aposta, para além das metodologias e instrumentos do processo pedagógico e educacional, é o fortalecimento dos vínculos de pertencimento dos jovens da Maré com a sua comunidade, através de uma formação que contemple uma reflexão crítica e o reconhecimento da necessidade de transformação da realidade onde vivem.

O projeto enquanto espaço de produção do conhecimento, busca a aprovação dos seus beneficiários diretos – jovens com idade entre 13 e 15 anos – nos processos seletivos para o Ensino Médio em instituições públicas de excelência do Estado do Rio de Janeiro. A metodologia empregada pelo Preparatório é composta de aulas regulares de Português, Matemática, História, Geografia, Química, Física, Biologia, Educação Ambiental e Formação em Cidadania; aulas campo, visitas institucionais, participação em eventos; atendimento psicossocial e grupos mensais com os responsáveis.

Com a pandemia do novo Coronavírus e a consequente suspensão das atividades presenciais desde meados de março deste ano, houve a necessidade de repensar as estratégias de educação e como ela pode alcançar – mesmo em um momento de dificuldade econômica e social, o aluno. Considerando a responsabilidade e dever do Estado com o acesso à educação, o atual período enfatiza uma realidade social ainda mais desigual na qual os moradores de áreas mais vulneráveis – para fins da escrita deste artigo, os adolescentes do Complexo da Maré – sofrem com o descaso das políticas públicas.

Assim, entendendo a urgência em continuar fornecendo conteúdo e material de estudo para os alunos e, da mesma forma, instigar sua adesão e participação nas atividades virtuais, incentivar a integração e tornar o processo de aprendizagem mais leve e prazeroso nesse momento de distanciamento social, o projeto adotou as seguintes estratégias: oferta de aulas online; compartilhamento de conteúdo – textos, folhas de exercícios, vídeos e propostas de atividades, através de plataformas virtuais gratuitas; realização de atividades coletivas e interdisciplinares, através de servidores de



conferência remota; e realização de *lives*, com convidados discutindo temas pertinentes e transversais ao processo educacional e ao contexto social dos alunos.

Observou-se que, a fim de auxiliar os alunos no estabelecimento de uma nova rotina de estudos, era imprescindível o uso de instrumentos de suporte. Foram então elaborados infográficos com dicas de estudo em casa; organizou-se uma grade horária na qual, diariamente, os alunos têm acesso ao conteúdo de duas disciplinas; e cada atividade interdisciplinar e *lives* realizadas recebem uma arte elaborada especialmente com o intuito de tornar o evento ainda mais interessante para os jovens.

Assim, a partir da análise contínua de conceitos e metodologias de ensino, da observação da equipe sobre os métodos utilizados para manter uma aproximação com o aluno, os pontos fortes e as dificuldades enfrentadas pelo projeto, este relato de experiência abordará as estratégias utilizadas pela equipe, a fim de auxiliar a interação com os alunos e processo de ensino-aprendizado, mesmo que através de ações remotas.

A educação enquanto principal processo da formação de um indivíduo, é responsável por todas as ações inerentes à sociedade, sendo imprescindível, para uma educação responsável e de qualidade que os aspectos psicológicos, sociais, políticos e pedagógicos estejam alinhados e sejam igualmente pensados.

O Preparatório para o Ensino Médio busca se configurar enquanto espaço de fala para os beneficiários do projeto, que se sentem seguros e acolhidos para expressar suas opiniões, compartilhar angústias e trocar conhecimentos com os educadores. É o reconhecimento da importância da troca e do vínculo construído com os alunos que norteia o trabalho desenvolvido pelo projeto e, da mesma maneira, esse artigo.

METODOLOGIA

Este artigo é um relato de experiência construído a partir da vivência cotidiana do trabalho realizado pela equipe do curso Preparatório para o Ensino Médio, da Redes da Maré. Refere-se à prática profissional, metodologias de ensino, estratégias, análises e reflexões transversais ao processo de ensino-aprendizado, sendo conformado pelo momento de pandemia pelo qual o contexto social dos educadores e alunos é atravessado.

Para sua escrita, foram analisadas as ações executadas pelo projeto com o objetivo de conservar o vínculo estabelecido entre equipe e alunos a partir das aulas presenciais iniciadas em fevereiro e interrompidas na segunda quinzena de março deste ano, em



função da pandemia. O processo de análise que conforma e/ou ressignifica as ações desenvolvidas pelo projeto, busca aproximar os conceitos teóricos com uma prática profissional que permita aos educadores um processo contínuo de formação e aos alunos, para além da educação formal, o desenvolvimento de uma formação cidadã e crítica.

Esse movimento foi possível através da realização de reuniões de equipe – inicialmente quinzenais, ampliadas para encontros semanais – remuneradas, com duração média de duas horas, nas quais tanto educadores como a assistente social, a psicóloga e a coordenação do projeto participam, configurando um espaço de troca, planejamento, elaboração e adequação de estratégia e demais demandas pedagógicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A adolescência é uma fase de descobertas, mudanças de humor, dúvidas e novos aprendizados. Em meio a esse novo cenário, as instituições de ensino acabam perdendo espaço, já que são vistas de maneira menos interessante pelos alunos, principalmente nesse período de dúvidas e inseguranças. Qualquer relação educador-educando por si só é definida como árdua, uma vez que – no que se refere ao público jovem assistido pelo Preparatório – adolescentes estão em processo de constante mudança e excitação.

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (2013), questiona a noção de “educação bancária”, na qual o aluno é visto como um ser vazio, sem conteúdo, enquanto o educador é a figura que “despeja” o conhecimento sobre ele. Tal visão, ainda é reproduzida por muitas instituições de ensino brasileiras. Em contrapartida à reprodução da educação bancária, é importante estabelecer que o educador, tal qual a equipe pedagógica, não se destacam como figuras do saber, mas como parte integrante do processo de ensino-aprendizado, não apenas ensinando, como também aprendendo em cada aula, com o conhecimento de mundo de seus alunos e da comunidade escolar, desempenhando a função de mediador, ao fazer a ponte entre as diferentes formas do saber.

A educação bancária, em cuja prática se dá a inconciliação educador-educandos, rechaça este companheirismo. E é lógico que seja assim. No momento em que o educador “bancário” vivesse a superação da contradição já não seria “bancário”. Já não faria depósitos. Já não tentaria domesticar. Já não prescreveria. Saber com os educandos, enquanto estes soubessem com ele, seria sua tarefa. Já não estaria a serviço da desumanização. A



serviço da opressão, mas a serviço da libertação. (FREIRE, 2013, p.86, 87)

Buscando sempre manter um espaço confortável de diálogo com os jovens do Preparatório, entendendo suas limitações e obstáculos e respeitando seus interesses, tendo o aluno como peça fundamental para definir o que é satisfatório ou não para a aula, a equipe do projeto estruturou o planejamento pedagógico inicial para o período de oferta de atividades remotas e as tem reavaliado continuamente nas reuniões de equipe, a partir de conversas com os alunos durante as aulas, da análise da frequência, do engajamento e da participação dos jovens nas atividades propostas.

No novo cenário político e social observam-se fatores que impactam diretamente no acesso à educação – direito social previsto pelo art. 6º da Constituição Federal de 1988, dos jovens assistidos pelo projeto. Especialmente no momento atual de oferta de aulas não presenciais, é importante estar próximo ao aluno e permitir que ele se sinta familiarizado ao ambiente escolar e à equipe. Freire defende que o professor trabalhe com a realidade do discente, tornando-se, dessa forma, essencial mencionar o território onde estão inseridos e os atravessamentos a ele inerentes. Em função de tal realidade, os estudos e estratégias do projeto tornaram-se ainda mais intensos, uma vez que os alunos do projeto, além da barreira escolar, apresentam demandas sociais.

Estudiosos da cidade vêm destacando que a segregação residencial leva ao isolamento dos segmentos sociais vulnerabilizados - quer pela economia, quer pelos novos padrões de políticas públicas - e fragiliza os laços de integração social, desencadeando mecanismos sociais de reprodução da pobreza e das desigualdades. Significa dizer, que a segregação leva ao isolamento territorial, e que esta afeta as relações dos indivíduos com a sociedade e suas instituições. (SANT’ANNA, 2009, p.167)

Segundo Santos (2005), a categoria lugar é, ainda, “o espaço da existência e da coexistência”, onde “reside a única possibilidade de resistência aos processos perversos do mundo, dada a possibilidade real e efetiva da comunicação, logo da troca de informação, logo da construção política” (SANTOS, *apud* Souza, 2005, p.253).

Em tempos de pandemia, a dificuldade de aproximação com os jovens se intensifica em função dos medos, preocupações, angústias e tensões, e das dúvidas quanto à validade do ano letivo. O comportamento do aluno deve ser observado para a construção do planejamento e das demais práticas pedagógicas. Mello Filho (1992) defende que cabe



ao educador preservar uma relação de respeito e empatia com seus alunos, visando um bom rendimento escolar, uma vez que a educação vai além da simples “transferência de conteúdo”. Segundo o autor, em momentos de ansiedade, estresse e até mesmo pânico

É necessário pensar em estratégias para minimizar a exposição tanto do aluno quanto do corpo docente a fatores estressantes. Muitas vezes aprender a identificar quais são os fatores que estão desencadeando o processo de estresse já muda muitíssimo a situação. A partir do momento que temos consciência sobre o que se constitui em estímulos estressores para cada um de nós, temos a possibilidade de enfrentá-los de uma maneira muito mais efetiva. (MELLO FILHO, 1992, p.119)

A partir deste cenário, no que se refere ao papel da unidade escolar, Pierre Bourdieu (2003), aborda a trajetória escolar do aluno relacionada ao seu capital cultural, seu conhecimento e habilidades intelectuais. Segundo Bourdieu, de acordo com o conhecimento apresentado pelo indivíduo, ele pode adquirir vantagem e benefício em relação a outro que possui um capital cultural considerado “mais baixo”.

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2003, p.41)

Assim, a escola enquanto espaço de compartilhamento de saberes, reproduz desigualdades ao estabelecer métodos educativos de acordo com uma sociedade que, em sua essência, produz e reproduz desigualdades. Segundo a definição de sujeito de Guattari e Rolnik (1986), somos resultado de todas as instâncias de uma sociedade através da absorção do que é socialmente construído. De acordo com Almeida (2004), as apropriações ideológicas e as variadas formas de sociabilidade interferem na subjetividade, que condensa determinações em um indivíduo, lhe designando limites e condições, por ele aceitas e conformadas.

Em uma sociedade constituída por sujeitos de direitos, resultantes de dinâmicas sociais com caráter histórico, diretamente implicadas nas formas de interação entre esses indivíduos, essas interações podem se expressar através das dificuldades enfrentadas,



causadas pelas tendências socioeconômicas e culturais inerentes ao modelo de produção – segregador espacial e social.

Na perspectiva da pandemia, a unidade escolar propicia a disparidade e injustiça social, uma vez que os principais afetados ao serem limitados a conteúdos defasados, sem possibilidade de uma renovação e de aprendizagem, sem retorno e suporte do corpo docente, além da escassez de recursos básicos – como acesso à internet, por exemplo, que não lhes é fornecida - são aqueles que dependem de uma mudança social.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Manter atividades com adolescentes, por si só, já representa um enorme desafio, uma vez que sua atenção precisa ser constantemente instigada. A nova realidade de estudo remoto trouxe impactos para os alunos e suas famílias, mas também para a equipe, como a constante reestruturação das atividades e do planejamento das aulas.

No mês de março, antes da pandemia, o projeto possuía 113 alunos ativos. Como estratégia imediata, os grupos de responsáveis e de alunos nas redes sociais se apresentaram como espaço de informação e divulgação das atividades que passariam a ocorrer virtualmente. Considerando-se o público inicial, 14% dos alunos participam frequentemente das atividades virtuais, contudo, esse número varia de acordo com especificidades do aluno e de acesso à internet. Algumas das atividades interdisciplinares já envolveram 25 alunos, enquanto algumas *lives* alcançam até 50 visualizações.

Alguns fatores têm impactado diretamente na adesão dos alunos às atividades realizadas pelo Preparatório, como: a própria dinâmica do distanciamento social, que impede a socialização e o contato, além dos adoecimentos e mortes de entes queridos, desencadeando preocupação, tensão e medo nos alunos; as rotinas dentro de casa e a dificuldade de concentração, em função do barulho e dos cômodos cheios; a dúvida sobre a validade do ano letivo, que representa para os alunos, a possibilidade de aprovação, sem apreensão dos conteúdos necessários para o ingresso no ensino médio ou a necessidade de cursar novamente o 9º ano do ensino fundamental; a insegurança quanto a abertura dos processos seletivos, tal como as mudanças em alguns editais de processos seletivos que passam a utilizar como critério para o ingresso de novos alunos a técnica do sorteio, desmotivando os alunos a estudarem, uma vez que dependem exclusivamente da sorte para conseguir uma vaga; o fluxo, quantidade e qualidade do material enviado por



algumas escolas, além do estabelecimento de prazos e atribuição de notas para a resolução dos exercícios, sem que, contudo, os alunos tenham acesso aos professores para tirar suas dúvidas – além disso, algumas escolas enviam o material com defasagem quanto ao conteúdo estudado; e, não menos importante, o acesso e a qualidade de sinal da internet na comunidade, que dificulta e/ou impossibilita a participação dos alunos.

O Preparatório reconhece a importância do estabelecimento de uma conexão com os alunos e, visando a manutenção do vínculo, a metodologia e formas de ação foram reavaliadas de maneira que as atividades remotas propostas estimulassem a participação dos alunos e incentivassem a continuidade do processo educacional desses jovens.

Considerando-se a subjetividade que perpassa o cotidiano permeado por construções sociais, a configuração dos sujeitos, as formas de apropriação da cultura, o acesso aos direitos e a dinâmica de sociabilidade entre os indivíduos são afetados pelo contexto social e condicionadas pelo território, pela violência e pela cultura. Assim, considerando-se o território enquanto espaço geopolítico, definido não apenas pela área geográfica, mas a partir das dinâmicas socioculturais, políticas e econômicas, ele se configura como um espaço no qual as desigualdades se tornam visíveis e os fatores sociais e econômicos colocam o indivíduo em situação de risco e vulnerabilidade. Trata-se, contudo, de um espaço agenciável, onde há interação e configurações variadas dos atores que nele transitam, implicados por regimes culturais.

[...] são as favelas os territórios mais vulneráveis diante das limitações e incompletudes das políticas sociais do governo, da notória concentração de renda e da propriedade urbana, dos interesses exclusivistas do mercado e da criminalidade violenta. (Censo de empreendimentos Maré, 2014, p.19)

Nesse sentido, cabe ao Preparatório para o Ensino Médio, na qualidade de lugar de resistência, “insistir na necessidade de conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico desse seu aspecto fundamental que é o território” (Santos *apud* SOUZA, 2005, p.260), tornando-se, assim, um ambiente cuja função é auxiliar no processo de formação de sujeitos empoderados, capazes de “gerar transformações nas estruturas sociais” (BARBIANI *et al.*, 2003, p.962).

Vale ressaltar que, embora todos os alunos do projeto sejam moradores da Maré, há um grande distanciamento entre aqueles que são matriculados em escolas públicas e os que estudam em instituições privadas – mesmo aqueles que possuem bolsas de estudos.



Os estudantes de escolas privadas, mesmo as localizadas na Maré, apresentam menos dificuldade e maior relação com a escola que os estudantes de instituições públicas e, durante esse período de suspensão das aulas presenciais, relatam que recebem material impresso (contendo trabalhos e avaliações a serem entregues), aulas virtuais de algumas disciplinas, além da avaliação do professor, enquanto os estudantes de escolas públicas demonstram insatisfação com o acesso ao conteúdo³. Estes, se mostram desanimados com o processo de ensino, afirmando que a falta de retorno do professor sobre o material enviado, a impossibilidade de tirar dúvidas, o conteúdo defasado e a demora para seu recebimento, além de toda a dificuldade de acesso ao material e às plataformas onde são disponibilizados, acabam por desestimular continuidade na rotina de estudos.

Importante acrescentar que 87,2%⁴ dos estudantes da Maré são de escolas públicas. Com isso, é possível observar que a grande maioria dos jovens, no período de isolamento social, não tem acesso ao ensino básico, já que o que foi oferecido pelas instituições públicas de ensino, não chegou a ser distribuído. Deste percentual, 67,7% frequentam escolas localizadas no território da Maré. Ainda não há uma resposta efetiva sobre o futuro das aulas e como os alunos concluintes – no caso dos alunos do projeto, cursando o 9º ano do ensino fundamental – seguirão com o ano letivo. Esses questionamentos, ainda sem respostas, impactam na assiduidade e participação dos alunos nas atividades realizadas pelo projeto.

Ainda como estratégia para a manutenção do vínculo, para tornar efetiva a possibilidade de enfrentamento da realidade e, dessa forma, a absorção do conteúdo, ao início de cada encontro, o educador reserva alguns minutos para conversar com os alunos, ouvindo seus relatos e inseguranças, tal como nas atividades coletivas e interdisciplinares, elaboradas e executadas em torno da escuta e da discussão de temas que atravessam seu cotidiano. Seja através da análise de músicas, da criação colaborativa de histórias, da leitura de poemas e textos autorais, seja a partir de uma tarde recreativa de jogos que utilizam conceitos das ciências exatas, as atividades virtuais oferecidas pelo Preparatório tem como objetivo tornar o processo de ensino-aprendizado interessante e estimulante.

³ Importante frisar que estas informações partem de relatos dos alunos do Preparatório, feitos durante as aulas e/ou atividades virtuais com a equipe do projeto.

⁴ Os dados são referentes ao ano da inauguração das escolas do Campus Educacional da Maré, em 2015 e 2016. Dessa maneira, é possível que, ao ano de 2020 o percentual de alunos matriculados em escolas públicas seja ainda maior.



Uma estratégia que já era utilizada antes da pandemia com o intuito de manter uma comunicação mais aberta com alunos e responsáveis é a criação de grupos em redes sociais, um com os alunos e outro com os pais e responsáveis, através dos quais, equipe social, coordenação e educadores, conseguem divulgar informações, dar orientações e manter constantemente aberto um espaço de diálogo e interação. No período atual da pandemia, as redes sociais se apresentam como fortes aliadas do projeto e, utilizando os recursos por elas oferecidos, a equipe passou a desenvolver como atividade extra, *lives*, nas quais são debatidos temas como racismo, sexualidade, gênero, ingresso no ensino médio e na graduação e todas as dificuldades e obstáculos que se apresentam no caminho. Nesses eventos, convidados, equipe e alunos interagem através do chat, fazendo perguntas, tirando dúvidas e dando suas opiniões.

Embora o número de alunos tenha diminuído em relação às aulas presenciais, aqueles que participam das aulas virtuais demonstram disponibilidade, interação e buscam estar em contato com a equipe. O vínculo estabelecido com esses jovens permite que, em cinco meses de atividades remotas, o curso Preparatório permaneça fazendo parte da rotina dos alunos, contando com sua participação nas *lives* e com sua interação nas atividades coletivas, nas aulas virtuais e no grupo do Preparatório na rede social.

[...] a produção do conhecimento, enquanto processo transformador, exige uma relação de igualdade entre educador e educando, onde ambos ensinam e aprendem, e onde o saber popular, forjado nas experiências práticas da vida cotidiana, sem perder de vista as dimensões de classe, gênero e raça/etnia, é valorizado enquanto dimensão significativa de conhecimento. (FREIRE apud Barbosa e Giffin, 2005, p.657).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação, mesmo com todos os obstáculos, atua de maneira ativa como instrumento de mudança social e cultural, desempenhando um papel que vai além das atividades em sala de aula. Criações como as do Preparatório para o Ensino Médio são fundamentais para a discussão de uma educação mais interativa, que permite novas possibilidades para os alunos.

A educação transformadora, que define o indivíduo como sujeito, requer muito preparo, estudo e disposição do educador. Em comparação com o ensino reprodutor de conceitos, é mais custoso e cansativo, uma vez que o aluno não é visto como um ser vazio,



que absorve tudo o que lhe é passado, mas alguém que detém seu conhecimento de mundo, preparado a acrescentar novas informações ao processo de ensino-aprendizado.

Ensinar é um ato de amor - ao indivíduo e a própria educação, e de coragem. Quando se ensina, se confronta a realidade, a desigualdade, o comodismo, a injustiça e tantas outras mazelas sociais. Atuar na educação é estar atento à realidade e permitir que o aluno seja instrumento de mudança. Antes do conteúdo programático - de fundamental importância, há a formação social e cidadã, tão imprescindíveis ao processo de crescimento humano. Uma instituição precisa se posicionar enquanto comunidade, promovendo ações, transformando e não apenas reproduzindo.

Nesse sentido, a educação se apresenta como forma de superação das violências e desigualdades, à medida que se configura como fonte de conhecimento, convívio social e compartilhamento de saber e vivências. É nessa perspectiva que o Preparatório atua no fortalecimento da autonomia e cidadania de seus beneficiários, se estabelecendo, através das atividades oferecidas, para auxiliar no processo de rompimento da reprodução de modelos que só tendem a alimentar a ótica segregadora e alienadora da sociedade.

Cabe, então, ao Preparatório para o Ensino Médio, da Redes da Maré, com sua proposta de orientar, informar e formar, continuar desempenhando seu papel enquanto facilitador do acesso não só aos direitos desses jovens, mas – e principalmente – à informação referenciada na justiça social, nos direitos humanos, na democracia e na paz.

AGRADECIMENTOS

Em especial aos parceiros e financiadores do projeto, iCSHG - Instituto Credit Suisse Heding Griffo e EMpower, que desde o início da parceria e, sobretudo, neste momento de pandemia, atuam de maneira atenciosa, compreensiva e interessada, acreditando no trabalho da equipe, na importância do projeto e, principalmente, reconhecendo a educação enquanto processo construtivo e fundamental para a formação do indivíduo, muito obrigada.

Aos alunos e seus responsáveis que a cada participação, sugestão e agradecimento, motivam a equipe a continuar elaborando estratégias para oferecer o melhor formato remoto possível, reestruturando semanalmente o planejamento das atividades, muito obrigada. Nesse momento tão difícil, cada aluno colabora na construção desse projeto e na formação da equipe pessoal e profissionalmente.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência e direitos humanos no Brasil**. In: *Praia Vermelha: estudos de política e teoria social*. Vol.1, n.11, 2ºsem. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.
- BARBIANI, Rosângela; BRITO, Sarita; KORNDORFER, Carla; MENEGHEL, Stela Nazareth; ROTERMUND, Juliana; ROZA, Marisa Dalla; STEFFEN, Helenita; WUNDER, Ana Paula. **Impacto de grupos de mulheres em situação de vulnerabilidade de gênero**. Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 19 (4), jul-ago, 2003, p. 955-963.
- BARBOSA, R. H. S.; GIFFIN, K.. **Juventude, saúde e cidadania: uma pesquisa-ação com jovens da Maré**. In: *Cadernos Saúde Coletiva* (UFRJ). Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 649-672, 2005.
- BOUDIEU, P. **A escola conservadora: as desigualdades frente a escola e à cultura**. In: *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >.
Acesso em: 26 ago. 2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013, 54ª ed.
- GUATTARI, Felix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, edições de 1986.
- MELLO FILHO, J. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artmed Editora S.A, 1992.
- OBSERVATÓRIO DE FAVELAS. **Censo de Empreendimentos Maré**. Organização: Redes da Maré. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2014.
- REDES DA MARÉ. **Censo Populacional da Maré**. Rio de Janeiro, 2019.
- SANT'ANNA, M, J. **O papel do território na configuração das oportunidades educativas: efeito escola e efeito vizinhança**. In: CERNEIRO, S. de S.; SANT'ANNA, M, J. *Cidades, olhares, trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 167-192.
- SOUZA, Maria Adélia Aparecida de. **Apresentação: Milton Santos, um revolucionário**. In: SANTOS, Milton. *O retorno do território*. OSAL: Observatorio Social de América Latina, ano VI, nº 16, enero-abril, 2005, p. 251-261.